

OS MILITARES E A POLÍTICA DURANTE A REPÚBLICA

Antônio Conselheiro e Canudos¹

Parte XXXIV

*“O que é a nossa História? Ela é, simplesmente, a soma de todas aquelas coisas que poderiam ter sido evitadas”.*² (Konrad Adenauer, 1877–1967).

MARIO JORGE DA FONSECA HERMES
Almirante-de-Esquadra (Ret^o)

SUMÁRIO

- Introdução
- Antônio Conselheiro
- Antônio Conselheiro assume a própria existência
- A mudança na vida de Antônio Maciel
- A trilha de Antônio Conselheiro
- O início dos enfrentamentos
- Canudos
- A igreja nova
- Antônio Conselheiro e a República
- Uma tentativa frustrada
- A luta: houve razão?
- O início da guerra: o primeiro combate
- À guisa de conclusão

INTRODUÇÃO

Sob esse título procurarei resumir, principalmente, a grande obra de Euclides da Cunha, *Os sertões*, à qual acrescentarei co-

mentários de outros autores e tecerei algumas observações.

Talvez alongue-me mais do que deveria. Mas existe uma razão: após leitura e meditação, cheguei à dura realidade de que, no

1. NA.: Deve ser considerado que as opiniões emitidas pelo articulista aconteceram 100 anos após aqueles tristes acontecimentos, desvinculados da irracional paixão política da época e elaboradas na calma de seu escritório.

2. NA.: Citado por Joelmir Beting, *O Globo*, edição de 29.08.00.

período de 17 de novembro de 1896, data em que deixou a Bahia a primeira expedição, até 6 de outubro de 1897, quando da exumação do corpo de Antônio Conselheiro, os brasileiros, exceção feita aos monarquistas – desde o Presidente e o Vice-Presidente da República aos cidadãos mais humildes, passando pelo Congresso, os políticos, a imprensa, a Igreja e o Exército –, fizeram desse homem, que vagava sem rumo certo pelo sertão e estabeleceu-se em Canudos, a personalidade mais relevante da Nação. Não que ele tivesse os méritos, desejasse ou procurasse tão distinta posição. Porém, em verdade, em torno de sua pessoa girou toda a vida do País em termos políticos, religiosos e militares. Sobre esse místico muito se escreveu e creio que se escreverá, à medida que os pesquisadores aprofundarem seus estudos.

*
* *

Modernamente – menos freqüentes nos dias de hoje – alguns autores procuram enquadrar o fenômeno Antônio Conselheiro e Canudos na conceituação marxista da luta de classes.

Rui Facó inicia a segunda parte de seu livro *Cangaceiros e fanáticos* com o seguinte intróito:

“Se Euclides da Cunha, estudioso honesto da realidade brasileira, mas com profundos preconceitos e falsas concepções estreitamente antropológicas e geográficas, não percebeu a essência da luta dos habitantes de Canudos, vendo unicamente seu fundo religioso, de fanatismo, não se justifica que esse

ponto de vista errôneo prevaleça na historiografia do Brasil.”

Assim é, no entanto.

Escrevendo em começos da década de 1930, Pandiá Calógeras repetia que Canudos fora um simples “reduto de fanáticos”. Fanatismo sertanejo é como se intitula um dos capítulos de sua obra *Formação histórica do Brasil*.

E a lenda continua repetida para as novas gerações pelos historiadores de nossos dias³. O Sr. Pedro Calmon, num insulto aos bravos sertanejos, escreve que, em Canudos, “estava concentrada a ralé celerada dos sertões”. Em sua *História da civilização* insiste em que a campanha de Canudos foi apenas “um conflito de fundo religioso produzido pela barbárie sertaneja⁴.”

É isto, nem mais nem menos, o que ainda hoje encontramos nos compêndios destinados à juventude das escolas. É a explicação mais cômoda. Recusam-se os nossos historiadores a ver na resistência maravilhosa de Canudos uma expressão da rebeldia sertaneja à prepotência dos latifundiários, reflexo de “uma luta de classes em sua fase superior – a luta armada”.⁵

Rui Facó, marxista, tem a sua verdade, que julga ser a única; não admite que possam existir outras interpretações para os fatos históricos, o que é, no mínimo, uma postura anticientífica.

Se, como assevera Facó, tratava-se de “uma luta de classes em sua fase superior – a luta armada”, isto é, a conquista revolucionária do poder, parece evidente que caberia àqueles que tinham a sua posse – o poder constituído –, estivesse ele nas mãos dos

3. NA.: A 5ª edição de *Cangaceiros e fanáticos* é de 1978.

4. NA.: Li cuidadosamente o tema segundo a abordagem dos autores citados. O que escreveram não condiz com o que Rui Facó procura fazer crer. “Fanatismo sertanejo” é apenas o subtítulo do Capítulo XV – Reconstrução. Calógeras retrata o episódio dentro de postura conservadora próxima da realidade. Pedro Calmon em sua volumosa *História do Brasil* (pág. 2.024) faz uma análise mais ampla, onde afirma: “Tê-lo-iam destruído sem nada disto. Se em vez de tropa mandassem justiça, medicina, religião, escola.”

5. FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos*. 5a ed., Ed. Civilização Brasileira, RJ, 1978, pág. 69.

plantadores de café de São Paulo ou dos decadentes latifundiários do Nordeste, lutar por mantê-lo. E manter suas prerrogativas com a força que dispusessem. Afinal, tratava-se da "luta armada".

Rui Facó analisa a economia brasileira do final do século, listando fatos que, no seu entender, levariam às conclusões por ele desejadas: a decadência da agropecuária no Nordeste; a migração dos nordestinos para as fazendas de café de São Paulo; o êxodo, mormente de cearenses, para a Amazônia, onde a borracha passara a disputar com o café a primazia da pauta de exportação; a primeira crise motivada pela superprodução do café em 1896, com a conseqüente estagnação do fluxo de nordestinos; a miséria no sertão; os latifundiários, senhores semifeudais (que tiveram o poder de mando diminuído com a decadência de suas fazendas), etc... São todos fatos sobejamente conhecidos. Todavia, não estabeleceu qualquer correlação concreta entre esses fatos e a luta de classe contra os latifúndios, a seu ver a motivação de Antônio Conselheiro ao defender-se em Canudos.

Aliás, o próprio Facó conclui o Capítulo I com as seguintes palavras: "Ante o fenômeno Canudos, os senhores das classes dominantes e seus porta-vozes recusavam-se a acreditar na realidade: milhares de párias do campo armados em defesa da própria sobrevivência, em luta, *ainda que espontânea, não consciente*, contra a secular opressão latifundiária e semifeudal..."* (grifo do articulista).

Ora, se o Conselheiro e seus seguidores não tinham consciência de que lutavam contra a opressão do latifundiário, fica difícil caracterizar a Guerra de Canudos como decorrente de tal prepotência.

*

* *

A leitura de *Os sertões*, que percebi não ser do agrado de alguns historiadores brasileiros, constitui, pelo menos para este articulista, o que de melhor foi registrado sobre aquele triste período de nossa história. Prefiro o relato de Euclides da Cunha às interpretações de cunho marxistas, isto sem qualquer tipo de preconceitos contra o que escrevem. Contudo, no Brasil de hoje, raro são aqueles que mantiveram suas crenças e apresentam-se como tais.

ANTÔNIO CONSELHEIRO

A campanha de Canudos, desde a primeira expedição, trouxe para as páginas dos jornais discussões e análises sobre a personalidade de Antônio Vicente Mendes Maciel, conhecido há algum tempo por Antônio Conselheiro, por certo, pela pregação que fizera a partir dos anos da década de 1860 nos sertões do Ceará e, principalmente, da Bahia.

Os políticos, jornalistas, a Igreja, os que habitavam a Capital Federal e as principais cidades brasileiras, todos – mesmo os do Nordeste e da capital baiana – ignorantes sobre a realidade do sertão, mostravam o Conselheiro como um louco, um fanático aventureiro, um assassino, um místico bárbaro e um restaurador monárquico. Este, do ponto de vista político, o perigo maior a combater.

Quais as origens do Conselheiro? Euclides da Cunha registra, referindo-se aos escritos do Coronel João Brígido dos Santos: "Os Maciéis que formavam, nos sertões entre Quixeramobim e Tamboril, uma família numerosa de homens válidos, ágeis, inteligentes e bravos, vivendo da vaqueirice e pequena criação, vieram, pela lei fatal dos tempos, a fazer parte dos grandes fastos criminais do Ceará, em uma guerra de família. Seus êmulos foram os Araújo, que formavam

6. Ib., pág. 77.

uma família rica, filiada a outras das mais antigas da província.

Foi uma das lutas mais sangrentas dos sertões do Ceará a que se travou entre estes dois grupos de homens, desiguais na fortuna e posição social, ambos embravecidos na prática das violências e numerosos”.⁷

“Assim começa o narrador consciencioso breve notícia sobre a genealogia de Antônio Conselheiro.

Os fatos criminosos a que se refere são um episódio apenas entre as *razzias*, quase permanentes, da vida turbulenta dos sertões. Copiam mil outros de que ressaltam, evidentes, a prepotência sem freios dos mandões de aldeia e a exploração pecaminosa por eles exercida sobre a bravura instintiva do sertanejo. Luta de família (...) comprometendo as próprias descendências que esposam as desavenças dos avós, criando uma quase predisposição fisiológica e tornando hereditários os rancores e as vinganças.”⁸

A luta entre os Araújo e Maciéis “surgiu de um incidente mínimo: pretensos roubos cometidos pelos Maciéis em propriedade de família numerosa, a dos Araújo.

“Tudo indicava serem aqueles vítimas de acusação descabida. Eram homens vigorosos, simpáticos, bem apessoados, verdadeiros e serviçais”, gozando em toda a redondeza de reputação invejável. Os Araújo não viam porém com bons olhos a família pobre que lhes balançava a influência, sem a justificativa de vastos latifúndios e boiadas grandes. Criadores opulentos, senhores de braço e cutelo, vazados em fazer justiça por si mesmo, concentraram em dar exemplar castigo aos delinquentes. E como estes eram bravos

até a temeridade, (os Araújo) chamaram a postos a guarda pretoriana dos capangas.

“Assim apercebidos, abalaram na expedição criminosa para Quixeramobim.

“Mas volveram logo depois, contra a expectativa geral, em derrota. Os Maciéis, reunida toda a parentela, rapazes desempenados e têmeos, haviam-se afrontado com a malta assalariada, repelindo-a vigorosamente, suplantando-a, espavorindo-a.”⁹

Os Araújo retornaram com capangas temidos de Pernambuco, mas, no momento da luta, optaram pela proposta de “que se entregassem, garantindo-lhes, sob palavra, a vida. Os Maciéis, certos de não poderem resistir por muito tempo, aquiesceram. Renderam-se. A palavra de honra dos bandidos teve, porém, o valor que poderia ter.”¹⁰ Os Maciéis foram presos, algemados e trucidados, a caminho da cadeia de Sobral. “Morreram nesta ocasião, entre outros, o chefe da família, Antônio Maciel, e um avô de Antônio Conselheiro”¹¹.

Contudo, um dos Maciéis, Miguel Carlos, embora “manietado e com as pernas amarradas por baixo da barriga do cavalo que montava”, conseguiu, inexplicavelmente, escapar. E no seu pensamento existia somente a justa vingança.

Miguel Carlos foi caçado. Escapou algumas vezes, sempre deixando baixas entre os atacantes. Certa vez, junto com a irmã foi cercado no casebre em que morava. A irmã morre na luta na qual também participava. Os capangas não ousaram atacar e atearam fogo no casebre. Uma vez mais Miguel Carlos escapa e com mais sede de vingança. E esta ocorreu de modo singular: “Tempos depois

7. CUNHA, Euclides da. *Os Sertões (Campanha de Canudos)* 22a Ed., Livraria Francisco Alves, RJ, 1952, pág. 135.

8. *Ib.* pág. 135.

9. *Ib.* Pág. 136.

10. *Ib.* pág. 137

11. *Ib.*

um dos Araújo contratou casamento com a filha de rico criador de Tapaiara; e nos dias das núpcias, já perto da igreja, tombou varado de balas, entre o alarma dos convivas e o desespero da noiva desditosa."¹²

As disputas continuaram. Miguel Carlos acabou morto numa tocaia.

"Nada se sabe ao certo sobre o papel que coube a Vicente Mendes Maciel, pai de Antônio Vicente Mendes Maciel (o Conselheiro), nesta luta deplorável. Os seus contemporâneos pintam-no como 'homem irascível mas de excelente caráter, meio visionário e desconfiado, mas de tanta capacidade que, sendo analfabeto, negociava largamente em fazendas, trazendo tudo perfeitamente contado e medido de memória".

"O filho, sob a disciplina de um pai de honradez proverbial e ríspido, teve educação que de algum modo o isolou da turbulência da família. (...), adolescente tranqüilo e tímido, sem o entusiasmo feliz dos que seguem as primeiras escalas da vida, retraído, avesso à troça, raro deixando a casa de negócios do pai, em Quixeramobim, de todo entregou aos misteres de caixeiro consciencioso."¹³

Vicente Mendes Maciel falece em 1855, 20 anos após às lutas de vida ou morte com os Araújo. Seu filho "prosseguiu na mesma vida corretíssima e calma. Arrostando com a tarefa de velar por três irmãs solteiras, revelou abnegação rara. Somente depois de as ter casado, procurou, por sua vez, um enlace que lhe foi nefasto"¹⁴.

ANTÔNIO CONSELHEIRO ASSUME A PRÓPRIA EXISTÊNCIA

Sua vida independente inicia-se com um mau casamento.

"A mulher foi a sobrecarga adicionada à tremenda tara hereditária que desequilibraria uma vida iniciada sob os melhores auspícios."¹⁵

Por que "tara hereditária"?; em que se baseou Euclides da Cunha para tal diagnóstico? Embora de vasta cultura, não estava credenciado a emitir tal conceito, até porque ele mesmo classificara positivamente a personalidade dos Macieis. Parece haver o escritor, mesmo que de modo inconsciente, sido possuído pelo preconceito, que, aliás, foi uma tônica da sociedade em relação ao Conselheiro.

A partir de 1858 e do seu casamento, troca de hábitos. "Incompatibilidade de gênio com a esposa ou, o que é mais verossímil, a péssima índole desta, tornam instável a situação. Em poucos anos vive em diversas vilas e povoados. Adota diversas profissões."

"Tendo ficado sem bens de fortuna, Antônio Maciel, nesta fase preparatória de sua vida, a despeito das desordens do lar, ao chegar a qualquer nova sede de residência procura logo um emprego, um meio honesto de subsistência. **Em 1859**, mudou-se para Sobral, empregou-se como caixeiro. Contudo demorou-se pouco. Segue para Campo Grande, onde desempenha as funções modestas de escrivão do Juiz de Paz. Daí, sem grande demora, se desloca para Ipu. Faz-se solicitador, ou requerente no fórum."¹⁶ Comenta Euclides da Cunha: "Nota-se já em tudo isto um crescente para as profissões menos trabalhosas, exigindo cada vez menos a constância do esforço; o contínuo despear-se da disciplina primitiva, a tendência acentuada para a atividade mais irrequieta e mais estéril, a descambar para a vadiagem franca. Ia-se-lhe, ao mesmo tempo, na desarmonia do lar, a antiga serenidade."¹⁷

12. *Ib.*, pág. 138.

13. *Ib.*, pág. 140.

14. *Ib.*, pág. 141.

15. *Ib.*

16. *Ib.*

17. *Ib.*, pág. 141.

Parece-me exagero a afirmativa de que Antônio Maciel descambasse para a vadiagem franca. Para as tarefas que passou a executar necessitava, certamente, de algum saber, no mínimo, ler e escrever, além de razoável capacidade de raciocínio. Se obteve estas colocações com facilidade era porque tinha a competência necessária e os lugares estavam vagos. Não haveria outra razão para empregar o forasteiro. Quanto à desarmonia no lar, é certamente correta a observação e provavelmente a causa de sua pouca permanência onde arribava. O autor de *Os sertões* observa, em benefício do caráter de Antônio Maciel, estar, "nesse período de sua vida, todavia, aparelhado de sentimentos dignos". Referia-se a sua recusa de engajar-se em movimentos partidários, quase sempre acompanhados de violência, da politicalha local.

A MUDANÇA NA VIDA DE ANTÔNIO MACIEL

A fuga da mulher com um sargento da polícia atingira a alma de Antônio Maciel. Fora o remate de uma vida em comum desajustada. Não poderia permanecer em Ipu. O sertão era povoado por "cabras machos", e de todas as vergonhas que um homem poderia sofrer, o ser abandonado pela mulher que se juntasse a outro seria a maior de todas.

Assim, teria de partir, e partiu para bem longe: "Desce para o sul do Ceará." Dele não se houve mais falar; seu nome aos poucos cai no olvido em Ipu.

*
* *

Seria a 'loucura' de Antônio Maciel, na sua transmutação para Antônio Conselheiro, tão aparente e verdadeira que fosse responsável, fruto de arbitragem judiciosa, por angariar o respeito daquelas comunidades por onde passava?

"E surgia na Bahia o anacoreta sombrio, cabelos crescidos até aos ombros, barba inculta e longa; face escaveirada; olhar fulgurante; monstruoso, dentro de um hábito azul de brim americano; abordado ao clássico bastão em que se apóia o passo tardo dos peregrinos...";¹⁸ descreve-o Euclides da Cunha, no que pareceria mais romance que

história. E acrescenta: "É desconhecida a sua existência durante tão largo período."

A descrição da aparência de Antônio Maciel leva a imaginá-lo um louco sem outras considerações. Mas ajuda o pensamento a entender este homem tão peculiar. Ao insistir nessa trilha, escreve: "No seio de uma sociedade primitiva (...), todas as conjecturas ou lendas que para logo o circundaram fizeram o ambiente

propício para o próprio desvario. A sua insânia estava ali, exteriorizada. Espalhavam-na a admiração intensa e o respeito absoluto que o tornaram em pouco tempo árbitro incondicional de todas as divergências ou brigas, conselheiro predileto em todas as decisões."¹⁹

Seria a "loucura" de Antônio Maciel, na sua transmutação para Antônio Conselheiro, tão aparente e verdadeira que fosse responsável, fruto de arbitragem judiciosa, por angariar o respeito daquelas comunidades por onde passava, as quais, embora rudes e atrasadas, eram formadas por seres humanos, com todas as virtudes e pecados individuais

18. *Ib.*, pág. 142.

19. *Ib.*, pág. 143.

dos membros de qualquer sociedade? É uma dúvida que fica... Mas o próprio Euclides destaca: (Aquele gente) "precisava de alguém que lhe traduzisse a idealização indefinida e a guiasse nas trilhas misteriosas para os céus..."²⁰ Sinal de que a religião oficial e seus curas não se faziam presentes e se, por aquelas bandas, apareciam, não convenciam.

Seria natural – e foi – que aquele eremita, velho aos trinta e poucos anos – que "andava sem rumo certo, de um pouso para outro, indiferente à vida e aos perigos, alimentando-se mal e ocasionalmente, dormindo ao relento à beira dos caminhos, numa penitência demo-

rada e rude... que o tornava esquálido e macerado",²¹ que se dirigia com poucas palavras ao sertanejo, há séculos mantido na ignorância – conquistasse o imaginário daquela gente e que seu prestígio crescesse com o tempo, em razão das pregações e das boas ações que realizava. Esse

prestígio realimentava sua mente para que se imbuísse de que era predestinado à missão na terra de pregar, aconselhar e salvar almas, alertando para o fim do mundo próximo, com o final do século que se avizinhava.

E a confiança, mais do que a confiança, a fé neste homem continuou, ininterruptamente, a crescer. "E cresceu tanto que se projetou na História."²²

A TRILHA DE ANTÔNIO CONSELHEIRO

Em 1874, já era identificado. Passava dos sertões de Pernambuco aos de Sergipe.

"Ali chegou, como em toda parte, desconhecido e suspeito, impressionando pelos trajas esquisitos, (...).

"Vivia de esmolos, das quais recusava qualquer excesso, pedindo apenas o sustento de cada dia. Procurava os pousos solitários. Não aceitava leito algum, além de uma tábua nua e, na falta desta, o chão duro.

"Assim prevagou largo tempo, até aparecer nos sertões da Bahia. Ia-lhe crescendo o prestígio. Já não seguia só. Encalçavam-no na rota desnordeada os primeiros fiéis. Não os chamara. Chegavam-lhe espontâneos, felizes por atravessarem com ele os mesmos dias de provação e miséria.

"Um dos adeptos carregava o templo único, da religião minúscula e nascente:²³ um oratório tosco, de cedro, encerrando a imagem de Cristo.

"Nas paradas pelos caminhos prendiam-no a um galho de árvore; e genuflexos, rezavam.

Entoavam com ele, triunfalmente erguido, pelos vilarejos e povoados, num coro de ladainhas.

"Assim se apresentou o Conselheiro, em 1878, na vida de Itapicuru de Cima. Já tinha grande renome.²⁴ (Grifos do articulista).

"Porém, foi uma publicação informativa de importância, calendário anual popular, a folhinha *Lacmment* de 1877, que deu a notícia do Conselheiro ao Brasil: "Apareceu no sertão do norte um indivíduo, que se diz chamar Antônio Conselheiro, que exerce grande influência no espírito das classes populares, servindo-se do seu exterior misterioso e cos-

20. Ib.

21. Ib.

22. Ib. pág. 144.

23. NA.: Parece-me que ao largo da história as religiões nascentes principiaram minúsculas.

24. CUNHA, Euclides da. Ib. pág. 144.

tumes ascéticos, com que impõe à ignorância e à simplicidade. Deixou crescer a barba e cabelos, veste uma túnica de algodão e alimenta-se tenuemente, sendo quase uma múmia. Acompanhado de duas professoras, vive a rezar terços e ladainhas e a pregar e dar conselhos às multidões, que reúne, onde lhe permitem os párcos; e movendo sentimentos religiosos, vai arrebanhando o povo e guiando-o a seu gosto. Revela ser homem inteligente mas sem cultura.”²⁵

*
* *
*

Já foi dito dos empregos de Antônio Maciel **ao final da década de 1850**, que demandavam conhecimentos, no mínimo de nível primário, e razoável poder de raciocínio. Com o passar do tempo, ao assumir a postura de um místico, é provável que, tendo o gosto pela leitura, tivesse preferência pelos livros religiosos. **Em 1874**, Euclides da Cunha escreve: “Às costas um surrão de couro em que trazia papel, pena e tinta, a *Missão Abreviada* e as *Horas Marianas*.” Com certeza foi leitor da *Bíblia*, livro que permite diversas interpretações. “Da leitura dos sermões, o que surge entretanto é a figura de um sertanejo letrado, capaz de exprimir-se correta e claramente na defesa de suas concepções políticas e sociais e de suas crenças religiosas.”²⁶

Assinala o Capitão-de-Mar-e-Guerra (IM-Ref^o) Nélio Ronchini Lima: “Estudou na escola do Professor Antônio Ferreira Nobre e gostava de ler: a *História do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França* e outros livros de aventuras. (...) Conhecía muito bem os escritos de Thomas Moore, entre eles a *Utopia*.”²⁷

Os dizeres das profecias do Conselheiro “estavam escritos em grande número de pequenos cadernos encontrados em Canudos. Os que aí vão, foram lá mesmo copiados de um deles, pertencentes ao secretário do Comandante-em-chefe da expedição”:²⁸

“... **Em 1896** hade rebanho mil correr da praia para o sertão; então o sertão virará praia e a praia virará sertão.

“**Em 1897** haverá muito pasto e pouco rasto e um só pastor e um só rebanho.

“**Em 1898** haverá muitos chapéus e poucas cabeças.

“Hade chover uma grande chuva de estrelas e aí será o fim do mundo. Deus disse no Evangelho: eu tenho um rebanho que anda fora deste aprisco e é preciso que se reúnam porque há um só pastor e um só rebanho!

“Na hora nona, descansando no Monte das Oliveiras, um dos apóstolos perguntou: Senhor! Para o fim desta idade, que signaes vos deixais?

“Ele respondeu: muitos sinais na Lua, no Sol e nas Estrellas. Hade aparecer um Anjo mandado por meu pae eterno, pregando sermões pelas portas, fazendo povoações nos desertos, fazendo egrejas e capelinhas e dando os seus conselhos.” Nesta passagem considera-se o enviado de Deus.

Em seus sermões “políticos”:

“Em verdade vos digo, quando as nações brigam com nações, o Brazil com o Brazil, a Inglaterra com a Inglaterra, a Prussia com a Prussia, das ondas do mar D. Sebastião sairá com todo o seu exército.

“E quando encontrou-se afincou a espada na pedra, ella foi até os copos e ella disse: Adeus mundo!

“Neste dia quando sair com seu exército tira a todos no fio da espada deste papel da

25. *Ib.*, pág. 144.

26. JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. *Os subversivos da República*. Ed. Brasiliense, SP: 1986, pág. 154.

27. LIMA, Nélio Ronchini. Canudos, 1897-1997. *Revista do Clube Naval*, n. 305, pág. 12

28. CUNHA, Euclides da. *Ib.*, pág. 150.

República. O fim desta guerra se acabará na Santa Casa de Roma e o sangue hade ir até à junta grossa..."²⁹

Quando se analisa o que ficou escrito em suas profecias e sermões, verifica-se falta de concatenação em seu raciocínio na maioria das vezes. Talvez entendesse o Conselheiro estar usando parábolas, à semelhança de Jesus. Aqueles que registraram esses pensamentos em seus "pequenos cadernos", nota-se, eram pessoas de pouca instrução.

Em favor da posição monarquista de Antônio Conselheiro, o sociólogo Douglas T. Monteiro registra em *O anti-republicanismo de Antônio Conselheiro*, onde aparece o pensamento do místico escrito em forma correta e ordenada (o autor não indica havê-lo retocado): "todo poder legítimo é emanação da onipotência eterna de Deus e está sujeito a uma regra divina, tanto na ordem temporal como na espiritual, de sorte que obedecendo como na espiritual, de sorte que obedecendo ao pontífice, ao príncipe, ao pai, a quem é realmente ministro de Deus para o bem, a Deus só obedecemos." "Quem não sabe que o digno príncipe, o Senhor Dom Pedro III, tem o poder legitimamente constituído por Deus para governar o Brasil? Quem não sabe que o para governar o Brasil? Quem não sabe que o seu digno avô o Senhor D. Pedro II, de saudosa memória, não obstante ter sido vítima de uma traição (...), que prevalece o seu direito e, conseqüentemente, só sua real família tem poder para governar o Brasil?" "O presidente da República, porém, movido pela incredulidade que tem atraído sobre ele toda a sorte de ilusões, entende que pode governar o Brasil como se fora um monarca legitimamente constituído por Deus; tanta injustiça os católicos contemplam amargurados." "É necessário que se sopra para obter a verdadeira felicidade que é a glória de Deus. (...) É necessário enfim que se faça a sua divina vontade combatendo

o demônio que quer acabar com a fé da Igreja". "Afirmo-vos, penetrado da mais íntima certeza, que o Senhor Jesus é Todo-Poderoso e fiel para cumprir a sua promessa. É erro de aquele que diz que a família real não há de governar mais o Brasil; se este mundo fosse absoluto, devia-se crer na vossa opinião; mas não há nada de absoluto neste mundo, porque tudo está sujeito à santíssima Providência de Deus, que dissipa o plano dos homens e confunde do modo que quer, sem mover-se do seu Trono."³⁰ Nas citações acima o sociólogo Douglas Teixeira apóia-se em *Prédica sobre a República*, de Ataliba Nogueira.

Se as anotações de suas profecias, registradas por fiéis quase analfabetos, podem inferir ser o Conselheiro possuidor de uma mente confusa, as transcrições do sociólogo Douglas Teixeira Monteiro levam-nos ao campo oposto. Possuía amplos conhecimentos da religião cristã e menores ou poucos de história. Mas a razão de sua crença na monarquia é bastante clara: o príncipe é ungi-do por Deus e "a Deus só obedecemos". Ao mesmo tempo em que prevê o fim do mundo, admite que a família imperial voltará a reinar no Brasil.

*
* *
*

Ele não mais poderia ser ignorado. E assim aconteceu.

Em 1876, a polícia prendeu-o em cumprimento à determinação da Justiça. Para o asceta, o estóico, o homem que se obrigava a tantos padecimentos, sua prisão foi acontecimento de menor importância. "Recebeu-a indiferente. Proibiu aos fiéis que o defendessem. Entregou-se. Levaram-no à capital da Bahia. Ali, a sua fisionomia estranha (...) e o

29. *Ib.*, págs. 150-151.

30. JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. *Ib.*, pág. 153 a 155.

seu entrajar singularíssimo (...) ofuscaram a curiosidade geral. (...) Acusavam-no de velhos crimes, cometidos no torrão nativo. Ouviu o interrogatório e as acusações, e não murmurou sequer, revestido de impassibilidade marmórea.

"A escolta que o trouxera, soube-se depois, espancava-o covardemente nas estradas. Não formulou a mais leve queixa. (...).

"Chegando à terra natal, reconhecida a improcedência da denúncia, é posto em liberdade. E no mesmo ano reaparece na Bahia entre os discípulos que o aguardavam sempre. (...).

"De 1877 a 1887 erra por aqueles sertões em todos os sentidos, chegando mesmo até o litoral, em Vilado Conde (1887). Em toda a área não há, talvez, uma cidade ou povoado onde não tenha aparecido. (...). E viram-no chegar (nesses povoados) acompanhado da farândola de fiéis. Em quase todas deixava um

traço de sua passagem: aqui um cemitério arruinado de muros reconstruídos; além uma igreja renovada; adiante uma capela que se erguia, elegante sempre."³¹

A perseguição ao Conselheiro iniciara-se bem antes da República. "Em 1882, já o denunciara o Arcebispo da Bahia, em circular dirigida a todos os párocos da Província, alertando-os para não permitirem as pregações do Conselheiro em sua freguesia e proibindo os católicos de ouvirem suas prédicas."³² É que chegara notícia ao arcebispo que "os

vigários toleravam com boa sombra os despropósitos do Santo endemoniado que ao menos lhes acrescia a cônica reduzida."³³

São trechos da circular da Arquidiocese:

"Chegando ao nosso conhecimento que pelas freguesias do centro deste arcebispado anda um indivíduo denominado Antônio Conselheiro, pregando ao povo, que se reúne para ouvi-lo, doutrina supersticiosa e uma moral excessivamente rígida³⁴ (...), ordenamos a V. Rvma., que não consinta em sua

freguesia semelhante abuso, fazendo saber aos paróquianos que lhes proibimos absolutamente de se reunirem para ouvir tal pregação.³⁵ (...) (...) Foi inútil a intervenção da Igreja."³⁶

*

* *

Antônio Conselheiro continuou suas caminhadas pelo sertão, sem destino certo. Mas passou a

marcar sua presença com alguma assiduidade em Itapicuru, onde fora vítima de sua primeira perseguição. O delegado local, é provável, não via com bons olhos as visitas do pregador e de seus seguidores. No mínimo, diminuíam-lhe a autoridade.

O policial, em novembro de 1886, resolve dirigir ofício ao Chefe de Polícia da Bahia: "(...). Fez neste termo seu acampamento e presentemente está no referido arraial construindo uma capela a expensas do povo. (...). Para que V.Sª saiba quem é Antônio Conse-

31. CUNHA, Euclides da. *Ib.*, pág. 146 a 148.

32. FACÓ, Rui. *Ib.*, pág. 80.

33. CUNHA, Euclides da. *Ib.*, pág. 153.

34. NA.: Uma moral excessivamente rígida!... Nota de Euclides da Cunha.

35. NA.: Circular dirigida ao clero brasileiro, em 16 de fevereiro de 1882, pelo arcebispo D. Luiz. Citada por Euclides da Cunha.

36. CUNHA, Euclides da. *Ib.*, pág. 154.

lheiro, basta dizer que é acompanhado por centenas e centenas de pessoas, que ouvem-no e cumprem suas ordens de preferência às do vigário da paróquia.

"O fanatismo não tem limites e assim é que, sem medo de erro e firmado em fatos, posso afirmar que adoram-no como se fosse um Deus vivo. Nos dias de sermões, terços e ladainhas, o ajuntamento sob a mil pessoas.

"Havendo desinteligência entre o grupo de Antônio Conselheiro e o vigário de Inhambuque, está aquele municado como se tivesse de ferir uma batalha campal e consta que estão à espera que o vigário vá ao lugar denominado Junco para assassiná-lo. (...)"³⁷

O delegado carregou nas tintas. Envolveu a Igreja, caracterizou o Conselheiro quase que como um cangaceiro chefe de bando armado. Porém, sem apelo, caiu no vazio.

Em meados de 1887, a Diocese da Bahia atua novamente. O arcebispo pede ao Presidente da Província medidas contra o "indivíduo Antônio Vicente Mendes Maciel que, pregando doutrinas subversivas, fazia um grande mal à religião e ao Estado, distraíndo o povo de suas obrigações e arrastando-o após si, procurando convencer de que era Espírito Santo, etc..."³⁸

O Presidente da Província dirigiu-se ao Ministro do Império a quem cabia as providências e pediu que internasse Antônio Conselheiro no Hospício de Alienados do Rio de Janeiro. A resposta foi a de que não havia uma única vaga no nosocômio. Disto foi dado ciência ao arcebispo. Conclui Euclides da Cunha: "Assim se abriu e se fechou o ciclo de providências legais que se fizeram durante o Império."³⁹

O INÍCIO DOS ENFRENTAMENTOS

Desde algum tempo, por todo o serão corriam muitas lendas sobre Antônio Conselheiro. Algumas delas, é de supor-se, chegaram à capital. O pregador já era bem conhecido das autoridades baianas, mormente do arcebispo e dos padres de sua diocese. **Isto em 1887**. O contato com o místico havia sido mantido de perto, pelo menos nos últimos cinco anos.

*
* *

O relacionamento com os vigários das pequenas vilas do sertão deteriorava-se. É negado ao Conselheiro "pregar por ocasião da festa que ia realizar-se na igreja"; pediu, então, "que fizesse a via sacra"; nova negativa. O vigário não poderia conceder tais solicitações. "O peregrino, então, encarou-o fito por algum tempo, e sem dizer palavras tirou de sua túnica um lenço. Sacudiu o pó das alpercatas e partiu. Era o clássico protesto inofensivo e tranqüilo dos apóstolos..."⁴⁰ De outra feita, o padre ausente, quando do seu regresso impediu que continuasse o reparo da igreja. "O Conselheiro não se limitou, desta vez, a sacudir as sandálias. Saiu-lhe da boca a primeira maldição, às portas da cidade ingrata (Natuba); e partiu (...). Iam tornando-o mau."⁴¹

A República fora proclamada. Antônio Conselheiro desaceitou-a.

Porém é importante repetir que o enfrentamento começava no Império.

No entanto, **foi em 1893** que ocorreu o envio da primeira tropa, oriunda da Bahia

37. Ib, pág. 154.

38. Ib, pág. 155.

39. Ib.

40. Ib, pág. 157.

41. Ib.

(Salvador), para prendê-lo. A decisão decorreu de haver destruído editais para a cobrança de impostos (em razão da autonomia dos municípios que fora decretada), afixados em tábuas.

“Ao surgir esta novidade, Antônio Conselheiro estava em Bom Conselho. Irritou-o a imposição; e planeou revide imediato. (...) mandou queimar as tábuas numa fogueira no largo. Levantou a voz sobre o auto da fé, que a fraqueza das autoridades não impedira, e pregou abertamente a insurreição contra as leis.”⁴² Em seguida, caminhou para o norte, com seus seguidores, pela estrada de Monte Santo.

O acontecimento repercutiu na capital, de onde partiu força policial composta por 30 praças bem armados, para dar combate aos conselheiristas, à época, cerca de 200. “A tropa alcançou-os em Massete, lugar desabrigado e estéril, entre Tucano e Cumbe. Atacam impiedosamente a turba de penitentes depauperados, na certeza de os destroçarem à primeira descarga. Deram porém de frente com os jagunços destemerosos. Foram completamente desbaratados, precipitando-se na fuga.”⁴³

Antônio Conselheiro sabia que não ficaria impune. Outras perseguições ocorreriam. Embrenhou-se, acompanhado de seus fiéis, pela caatinga, longe de qualquer povoado. Afinal, o sertão ele conhecia melhor que qualquer outro.

A segunda investida sucedeu “sem perda de tempo, na Bahia, em número de oitenta praças de linha. Mas não prosseguiram além de Serrinha, de onde tornaram sem se aventurarem com o sertão.”⁴⁴

E continuaram os devotos, no rumo norte, “ao toar das ladainhas e pelo passo tardo do profeta.”

“Os policiais bahianos deram porém de frente com os jagunços destemerosos. Foram completamente desbaratados, precipitando-se na fuga”

CANUDOS

Em 1876, uma vila agregada a uma fazenda ainda florescente, população suspeita e ociosa armada até os dentes.⁴⁵ Em 1890, “a velha fazenda de gado à beira do Vasa-Barris era uma tapera de cerca de cinquenta capuabas de pau a pique”. No ano de 1893 – a localidade encontrava-se em total decadência –

chega Antônio Conselheiro. Iniciou-se, então, seu crescimento rápido. Fora o local escolhido pelo pregador para fixar-se, após mais de 20 anos de andanças pelo sertão, visitando vilas, aconselhando, pregando e arrebanhando devotos.

Canudos, de acordo com Euclides da Cunha, fora escolhida pelo seu distanciamento e também por motivo de sua geografia peculiar, a qual conferia-lhe a qualidade de verdadeiro baluarte. “Era o lugar sagrado, cingido de montanhas onde não penetraria a ação do governo maldito.”⁴⁶ A refrega em Massete e a certeza que o Conselheiro possuía de que não mais o deixariam em paz conduziram-no a essa convicção.

42. Ib, pág. 158.

43. Ib.

44. Ib, pág. 159.

45. NA.: Segundo relato do Padre V. F. P., vigário de Itu. Informações manuscritas. (1898). Nota de Euclides da Cunha.

46. CUNHA, Euclides da. Ib, pág. 160.

É claro que não foram teorias marxistas que levaram o pregador a estabelecer-se em Canudos, mas sim a crença em suas palavras, palavras do "Salvador", que se constituíram no fator preponderante da concentração populacional extremamente rápida naquela paragem decadente. A considerar, ainda, o término do século, com todas as condições místicas que o acompanhavam. Afinal, para ele, os últimos dias, o fim do mundo, seguidos da vida eterna, aproximavam-se. Era o que importava. Suas pregações davam pouco ou nenhum valor às coisas e às vaidades terrenas. Não estava preocupado com o latifúndio ou o problema da terra.

O Barão de Geremoabo, latifundiário nas proximidades de Canudos, testemunha da história, assim se exprime: "Alguns lugares desta

comarca e de outras circunvizinhanças, e até do Estado de Sergipe, ficaram desabitados, tal o aluvião de famílias que subiam para Canudos, lugar escolhido por Antônio Conselheiro para o centro de suas operações. Causava dó verem-se expostos à venda nas feiras, extraordinária quantidade de gado cavalar, vacum, caprino, etc..., além de outros objetos por preços de nonada, como terrenos, casas, etc... O anelo extremo era vender, apurar algum dinheiro e ir reparti-lo com o Santo Conselheiro."⁴⁷ O Barão de Geremoabo, provavelmente, fora vítima desse êxodo para Canudos, com a carência de braços para o trabalho em suas propriedades. De suas palavras, insuspeitas, torna-se claro que o mís-

tico não lutava contra o latifúndio, o que não significa que, de algum modo, não concorresse para sua decadência.

Canudos (seria uma cidade?) constituiu-se num aglomerado de casebres de barro, com três compartimentos. Não existiam ruas, porém becos. Seus habitantes chegavam em grande número, e logo iniciavam a construção da casa. Não havia planejamento, nem

poderia haver. Mas não seria diferente das muitas favelas existentes, nos dias de hoje, por este mundo afora, onde a miséria, mais que a pobreza, determina a vida. Euclides da Cunha, na descrição que faz do mobiliário, anota: "um banco tosco, dois ou três banquinhos com a forma de escabelos; igual número de caixas de cedro, ou canastras; um jirau pendido ao teto; e as redes. Eram toda a

mobília. Nem camas, nem mesas."⁴⁸ Parece estranhar as redes. Contudo, ainda são usadas. Na Amazônia, mesmo pessoas de posse as preferem às camas. Em Canudos, nos ínfimos espaços dos casebres, nada mais lógico. Nelas o sertanejo sabia dormir e procriar. Muitos dos habitantes portavam armas brancas e antigas, e artesanais armas de fogo.

Atingia-se Canudos, circunvalada pelo Vasa-Barris, por gargantas em que passavam os caminhos: o de Mauá, o de Geremoabo, o de Cambais e o do Rosário. Por essas veredas ligadas a outras trilhas, era possível a conexão do "povoado nascente ao fundo dos sertões do Piauí, Ceará, Pernambuco e Sergipe, por onde chegavam de todos os pontos,

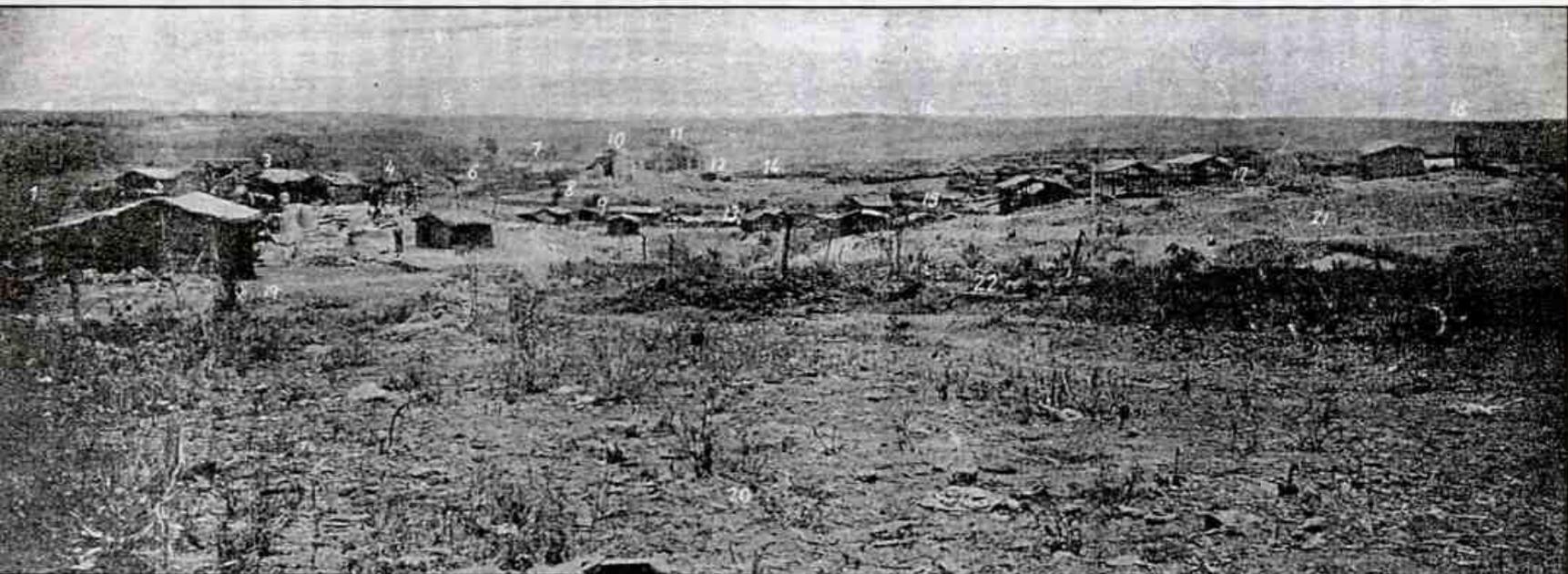
Alguns lugares desta comarca e de outras circunvizinhanças, e até do Estado de Sergipe, ficaram desabitados, tal o aluvião de famílias que subiam para Canudos, lugar escolhido por Antônio Conselheiro para o centro de suas operações

Barão de Geremoabo

47. *Ib.*, pág. 161.

48. *Ib.*, pág. 164.

PANORAMA DE CANUDOS



Crédito: Do livro *Guerra de Canudos*, de Henrique Duque-Estrada de Macedo Soares

Legenda: 1. Manoel Felix - 2. Favella - 3. Macedo Soares - 4. Morro da Fazenda Velha - 5. Estrada do Calumby - 6. Vaza Barris - 7. Riacho Umburanas - 8. Cemitério Velho - 9. Linha Negra - 10. Igreja Velha - 11. Igreja Nova - 12. Santuário - 13. Linha Negra - 14. Latada - 15. Linha Negra - 16. Cambaio - 17. Frutuoso - 18. Uauá - 19, 20, 21, 22. Zona outrora edificada e conquistada a 18 de julho

carregando os haveres todos; (...), quando divisavam a antiga Capela, caíam genuflexos sobre o chão aspérrimo. (...). Pisavam, afinal a terra do promissão – Canaã sagrada, que o Bom Jesus isolara do resto do mundo por uma cintura de serras...”

Chegara longe a crença no “homem santo”, Antônio Conselheiro. A surpresa em torno dessa religiosidade corria por conta da ignorância sobre o sertanejo e do afastamento dos dirigentes maiores do interior, os quais mantinham essa gente longe da instrução e da educação, privilégio de poucos. Eram assim os políticos estes, em sua quase totalidade, imbuídos de conhecimentos tão bacharelescos quanto vazios.

Para os que lá chegaram era o fim da jornada. Após Canudo, o céu... Ficavam dominados pela psicose

coletiva, conseqüência da pregação e da figura carismática de Antônio Conselheiro. “Nada queriam desta vida (...): a apropriação pessoal apenas de objetos móveis e das casas, comunidades absoluta da terra, das pastagens, dos rebanhos e dos escassos produtos da cultura, cujos donos recebiam exígua justa parte, revertendo o resto para a companhia. (...) O profeta ensinara-lhes a temer o pecado mortal do bem-estar mais breve. Voluntários da miséria e da dor, eram venturosos na medida das provações sofridas.”⁴⁹

Canudos era o destino dos mais variados tipos humanos: de diversos tipos de mestiços e de alguns negros; do sertanejo bronco e pobre; do remediado que possuía alguma posse; de homens, mulheres, velhos e crian-

ças, de perto e de longe. E, também, “era o homizio de famigerados facínoras”, que constituíam a guarda do Conselheiro. Alguns tornaram-se conhecidos nos combates com o Exército, em razão da coragem que possuíam, da lealdade ao Conselheiro, por quem se batiam até a morte, e de uma capacidade, talvez, genética para a guerrilha, onde muitas vezes, o instinto sobrepõem-se à inteligência e aos conhecimentos acadêmicos.

O álcool não era permitido em Canudos.

Ninguém descumpria tal determinação. Sabia, o Conselheiro, do que a bebida seria capaz naquela cidade promíscua.

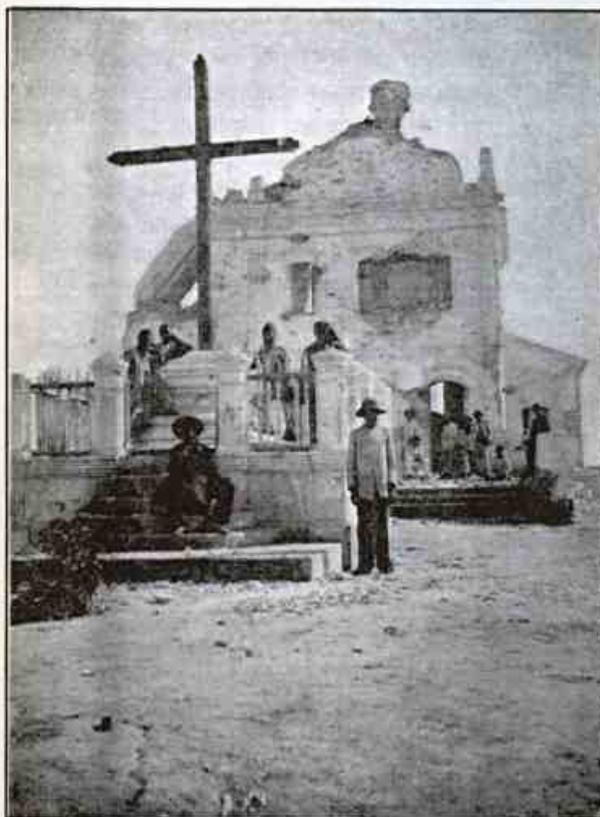
Nos limites de Canudos a disciplina imposta era severa; brigas, ameaças, desordens não ocorriam. “Mas fora do povoado, estas podiam espelhar-se a larga.

(...). Toda sorte de tropelias eram permitidas, desde que aumentassem o patrimônio da grei. **Em 1894**, as algeras, chefiadas por valentões de nota, tornaram-se alarmantes (...) e despertaram a atenção dos poderes constituídos, originando mesmo calorosa e inútil discussão na Assembléia Estadual da Bahia.”⁵⁰

“Muitas vezes, diz o testemunho unânime da população sertaneja, tais expedições eram sugeridas por intuito diversos. Alguns fiéis abastados tinham veleidades políticas. Sobrevinha a quadra eleitoral. Os grandes conquistadores de urnas que, a exemplo de milhares de comparsas disseminados neste país, transformam a fantasia do sufrágio universal na clava de Hércules da nossa dignidade apelavam para o Conselheiro.

49. *Ib.*, pág. 169.

50. *Ib.*, pág. 171.



Igreja Velha (esq.) e Igreja Nova (dir.) após o bombardeio pelas tropas federais (Do livro *Guerra de Canudos*, de H. D. E. Macedo Soares)

“Canudos fazia-se, então, provisoriamente, o quartel das guardas pretorianas dos capangas que de lá partiam, trilhando rumos pré-fixos, para reforçarem, a pau e a tiro, a soberania popular, expressa na imbecilidade triunfante de um régulo qualquer; (...) e para as masorcas periódicas que a lei marca, denominando-as “eleições”, eufemismo que é entre nós o

mais vivo traço da ousadia da linguagem. A nossa civilização de empréstimo arregimentava, como sempre o fez, o banditismo sertanejo.”^{51 e 52}

A maioria dos habitantes de Canudos – velhos, doentes, mulheres, crianças – inofensivos, “viviam parasitariamente, da solicitude do chefe, que lhes era o santo protetor, ao qual saudavam entoando versos há vinte e

51. *Id.*, pág. 172.

52. NA: Hoje não é mais “a pau e a tiro”. É o dinheiro a rodo, em grande parte espúrio, não explicado (as sobras de campanha), que qualifica as eleições e que mistifica o povo ao induzi-lo, com o domínio dos meios de comunicação, a pensar que a democracia consiste apenas e tão somente no ato de votar.

tantos anos correntes nos sertões";⁵³ entre eles:

"Do céu veio nossa luz
Que Jesus Cristo mandou.
Santo Antônio Aparecido
Dos castigos nos livrou!"⁵⁴

A IGREJA NOVA

A obra maior do Conselheiro em Canudos foi a construção da nova igreja. Seria a síntese de tudo o que pregava. Seria, e foi, o novo local em que se reuniam para a oração diária, que a todos congregava, sob sua observação rigorosa.

"Começou a erigir a igreja nova. Desde antemanhã enquanto esses se entregavam às culturas ou tangiam os rebanhos de cabra, ou (...), o resto do povo mourejava na missão sagrada."⁵⁵

"Delineara-se o próprio Conselheiro. Velho arquiteto de igrejas, requintara no monumento que lhe cerraria a carreira. (...) ela a sua obra final. Ali passara os dias, sobre andaimes altos e bamboantes. (...) Não faltavam braços para a tarefa. Não cessavam reforços e recursos à sociedade acampada no deserto. Metade, por assim dizer, das gentes de Tucano e de Itapicuru para lá abalou. De Alagoinhas, Feira de Sant'Ana e Santa Luzia iam toda a sorte de auxílios. De Geremoabo, Bom Conselho e Simão Dias, grandes fornecimentos de gado."⁵⁶ E por que tudo isso? Certamente porque o Conselheiro, e não as autoridades constituídas ou os curas, é quem

possuía os passaportes para o céu. Não havia, a respeito, dúvidas entre os que habitavam Canudos.

*
* *

Ao cair da tarde os sinos convocavam os fiéis para as rezas. A elas todos compareciam. Faltá-las era delito dos mais grave, mais que o estupro ou mesmo o homicídio. E aquela população heterogênea, separada para as rezas, homens de um lado, mulheres do outro, ajoelhava-se comprimida. Mulheres mal tratadas, as quais não era permitido o menor vestígio de faceirice. Algumas poderiam ter sido bonitas. Homens, dentre eles "criadores ricos outrora, felizes pelo abandono das boiadas e dos pousos animados."⁵⁷ Ocupavam posição de destaque os que constituíam a guarda do pregador, a maioria com mortes nas costas; todos valentes; em breve seriam nomes conhecidos por suas façanhas na guerra: Pajeú, José Venâncio, Joaquim Tranca-pés, Chico Ema, Quinquim de Coiqui, alguns outros, e o comandante João Abade. Mas todos rezavam contritos, o pensamento longe, onde a maldade que alguns praticavam apagava-se em suas orações. Ali encontrava-se Antônio Conselheiro para salvar as suas almas.

ANTÔNIO CONSELHEIRO E A REPÚBLICA

A pregação do Conselheiro contra a República "não traduzia o mais pálido intuito

53. CUNHA, Euclides da. *Ib.*, pág. 173.

54. ROMERO, Silvio. *A poesia popular no Brasil*. O escritor transcrevia essas quadras em 1879, precedendo-as com o seguinte comentário: "Era um missionário a seu jeito. Com tão poucos recursos, fanatizou as povoações que visitou, que o tinham por *Santo Antônio Aparecido*." Já em 1879! Observa Euclides da Cunha. Esta curta nota permite avaliar o poder da persuasão de Antônio Conselheiro e entender, em grande parte, a resistência tenaz, até a morte, que seus seguidores ofereceram às tropas do Exército, muito superiores em homens e armas, mas desconhecedoras do terreno e sem razões maiores, a não ser o cumprimento do dever, para a luta naquele "fim de mundo".

55. CUNHA, Euclides da. *Ib.*, pág. 174.

56. *Ib.*

57. *Ib.*, pág. 177.

político: o jagunço é tão inapto para aprender a forma republicana como a monárquica constitucional”,⁵⁸ Euclides da Cunha registra o óbvio; até porque, a grande maioria dos brasileiros, de então e de hoje, – arriscaria dizer, mesmo nas universidades – não saberia definir as duas formas de governo.

No final do século XIX “(...) jazem, no âmago do país, um terço da nossa gente”⁵⁹ na mais completa ignorância. Só sobreviviam os sertanejos, na dura luta contra a natureza inóspita, porque eram fisicamente fortes. Brasileiros, apenas, porque haviam nascido no Brasil, porém, na verdade eram aqueles “rudes patrícios mais estrangeiros nesta terra do que os imigrantes da Europa. Porque não no-los separa um mar, separam-no-los três séculos...”^{60 e 61} E lá por aqueles sertões chegara, senão a figura, o nome do Imperador. A ele o Conselheiro aprendera a acostumar-se a respeitar e a prestar, a seu modo, suas homenagens. Veio a República. Inesperadamente para o místico dos sertões. Fora o rompimento com suas crenças e obediências. Pregou, pois, contra ela. O final do mundo estava próximo e, quem sabe, em sua mente, para tal cooperava o novo regime.

Todavia, os doutos da Bahia e da Capital Federal, desconheciam a alma desses miseráveis, mais brasileiros, distantes “três séculos” no tempo.

Se o Conselheiro se dizia monarquista e pregava contra a República, nada mais estúpido do que imaginá-lo no comando de um movimento restaurador, com início nos confins do Estado da Bahia. E fizeram dele – graças aos dirigentes maiores da Nação, aos

políticos, os radicais jacobinos e marianistas, a imprensa (exceção aos poucos jornais monarquistas) e ao Exército que se deixou envolver – um perigo para o novo regime e à Pátria.

Haveria, sem dúvida muitas maneiras de abordar a questão Conselheiro, contudo, para os detentores do poder na capital da República e na Bahia só existia uma maneira: “(...) enviemo-lhes o legislador Comblain; e esse argumento único, incisivo, supremo e moralizador – a bala”.⁶² Não se cogitou de uma política social – talvez não houvesse à época este tipo de enfoque –, com distribuição da terra, com a escola, e, da parte da Igreja, com uma pitada de espírito cristão. Quanto à distribuição da terra não se tratava de novidade: “A Lei *Homestead*, vetada como subversiva pelo Presidente Buchana, em 1860, foi aprovada numa forma mais drástica, em 1862. Mediante tal medida, qualquer norte-americano ou estrangeiro que manifestasse intenção de naturalizar-se, podia obter 160 acres de terras públicas.”⁶³ Mas, para isso, seria necessário haver existido no Brasil um Abraham Lincoln. Mesmo os latifúndios improdutivos poderiam ser desapropriados a um preço justo. Ocorre que, tanto no Império quanto na República, o controle do poder encontrava-se nas mãos dos donos de terra, de latifundiários, cujas terras poderiam ou não ser produtivas. Tal solução não passaria pela cabeça dos políticos, pois suas mentes foram formadas segundo atavismo secular.

UMA TENTATIVA FRUSTRADA

O ano era 1895. A missão religiosa chefiada pelo capuchinho Frei João Evangelista de

58. *Ib.*, pág. 181.

59. *Ib.*

60. *Ib.*, pág. 182

61. NA.: Veio-me ao pensamento a figura do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, que concentrara todas suas energias e o enorme poder que lhe conferia o cargo na construção de Brasília. Só então, o que era a nossa civilização de caranguejos, à beira de um imenso litoral, de costas para o Brasil, teve a consciência mais nítida do interior.

62. CUNHA, Euclides da. *Ib.*, pág. 184.

63. NA.: Citado por Joelmir Beting, *O Globo*, edição de 29-08-00.

Monte Marciano, acompanhado de Frei Caetano de S. Léo e do vigário de Cumbe chegou à Canudos. "Alcança a praça desbordante de povo, perto de mil homens armados de bacamartes, garruchas, facões, etc... (...). Não se lhe entibia, porém, o ânimo blindado pela fortaleza tranqüila dos apóstolos. (...) Envereda logo por um beco tortuoso. Atravessa o seguimento dos companheiros de apostolado. (...) Chega por fim à casa do velho vigário de Cumbe (que não se abria há mais de ano, porque a tanto remontava sua ausência, ressentido por desacato que sofrera) e mal se refez da jornada extenuadora (...).

"Entrementes, correram a nova da chegada, sem que o Conselheiro se abalasse ao encontro dos comissários da Igreja. Permaneceu indiferente, assistindo aos trabalhos de reconstrução da capela. Procuraram-no, então, os padres.

"(...) Entram na praça. Atravessam-na, sem que o menor brado hostil os perturbe, e ao chegarem à sede dos trabalhos, 'magotes de homens cerram fileiras junto à porta da capela' abrindo-lhes extensa ala. (...) Do ajuntamento temeroso parte animadora saudação de paz: 'Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo', a qual era de praxe a resposta: 'Para sempre seja louvado tão bom Senhor!'

"Entram no pequeno templo e acham-se diante de Antônio Conselheiro, que os acolhe com boa sombra; e, com placabilidade habitual, dirige-lhes a mesma saudação pacífica."⁶⁴

*
* * *

"Frei Monte-Marciano assim retrata o Conselheiro 'Vestia túnica de azulão, tinha a cabeça descoberta e empunhava um bordão.

Os cabelos crescidos sem nenhum trato, a caírem sobre os ombros; as longas barbas grisalhas mais para brancas; os olhos fundos raramente levantados para fitar alguém; o rosto comprido de uma palidez quase cadavérica; o porte grave e ar penitente', impressionavam grandemente os recém-vindos."⁶⁵

A recepção que lhes presta o Conselheiro aproxima-se da cordialidade. Serve-lhes de guia na visita à igreja. O místico vivia em torno dos 60 anos. "(...) 'Não podiam exigir melhores preliminares à missão.'⁶⁶ Vejamos o relato do capuchinho: "Aproveitei a ocasião de estarmos quase a sós e disse-lhe o fim a que eu ia era todo de paz e que assim muito estranhava só enxergar ali homens armados e não podia deixar de condenar que se reunissem em lugar tão pobre tantas famílias entregues à ociosidade, num abandono e miséria tais que diariamente se davam de 8 a 9 óbitos. Por isto, de ordem, e em nome do Arcebispo, ia abrir uma santa missão e aconselhar o povo a dispersar-se e a voltar aos lares e ao trabalho no interesse de cada um e para o bem geral.

Enquanto isto dizia, a capela e o coro enchiam-se de gente e ainda não acabara de falar e já eles a uma só voz clamavam: 'Nós queremos acompanhar o nosso Conselheiro!' Era a desordem iminente. Sobrestava-a, porém, a placidez admirável, a mansuetude – porque não dizer cristã? – de Antônio Conselheiro. Que o próprio missionário fale: 'Este os fez calar, e voltando-se para mim disse: '– É para minha guarda que tenho comigo estes homens armados, porque V.Rvma. há de saber que a polícia atacou-me e quis matar-me no lugar chamado Massete, onde houve mortes de um e outro lado. No tempo da monarquia deixei-me prender, porque reconhecia o governo, hoje não, porque não reconheço a República."

64. CUNHA, Euclides da. *Ib.*, pág. 185.

65. *Ib.*

66. *Ib.*, pág. 186.

Comenta Euclides da Cunha: “Esta explicação de forma respeitosa e clara, não satisfaz o capuchinho, que tinha a coragem de um crente mas não tato finíssimo de um apóstolo.”

“Responde-lhe o sacerdote: ‘Senhor, se é católico deve considerar que a Igreja condena as revoltas e, acatando todas as formas de governo, ensina que os poderes constituídos regem os povos em nome de Deus.’ Continua o capuchinho nesta linha de argumentação, e conclui: ‘Nós mesmos aqui no Brasil, a principiar do bispo até o último católico, reconhecemos o governo atual; somente vós não vos quereis sujeitar? E mau pensar esse; é uma doutrina errada a vossa!’⁶⁷

Nesse ponto Frei Monte-Marciano, embora não tivesse a intenção e, mesmo, não soubesse, havia encerrado sua missão conciliatória com o Conselheiro.

“De dentro da multidão partiu, pronta, a replica arrogante:

‘- V.Rvma. é que tem uma falsa doutrina e não o nosso Conselheiro!’

Ainda desta vez Antônio Conselheiro evitou o tumulto e disse:

‘- Eu não desarmo minha gente, mas também não estorvo a santa missão.’

Os padres puderam pregar até o quarto dia. Muitos assistiram as prédicas, – “cerca de cinco mil” – sob a observação atenta do Conselheiro.

Quando pregava sobre o jejum, Frei Marciano afirmou que ‘podia-se jejuar muitas vezes comendo carne no jantar e tomando pela manhã uma chávena de café’. Recebeu a resposta: ‘- Ora! isto não é jejum, é comer de fartar!’⁶⁸

No quarto dia, o capuchinho retornou ao tema político. Então os moradores de Canudos “começaram intensa propaganda contra ‘a pregação do padre *maçon protestante e republicano*, emissário do governo e que de inteligência com este iria abrir caminho à tropa que viria de surpresa prender o Conselheiro e exterminar todos eles’.^{69 e 70} Não fora descabida a previsão.

João Abade comandou o “convite” para que os religiosos deixassem Canudos, “fazendo-lhe sentir que deles não careciam para a salvação eterna”.⁷¹

A LUTA. HOUVE RAZÕES?

“Quando se tornou urgente pacificar o sertão de Canudos, o governo da Bahia estava a braços com outras insurreições. A cidade de Lençóis fora investida por atrevida malta de facínoras, e as suas incursões alastravam-se pelas lavras diamantinas; o povoado de Brito Mendes caíra às mãos de outros turbulentos; e em Jequié se cometeram toda a sorte de atentados”.⁷²

Muitas vezes os jagunços eram requisitados por fazendeiros, mandões locais. Lutavam com lealdade aos que contratavam seus serviços. A desordem ganhava vezo de normalidade. “O saque das povoações que conquistaram, tem-se como direito de guerra, e neste ponto os absolve a história inteira. Fora disto, são raros os casos de roubos que consideram desaire e indigno labéu.”⁷³ A polícia age no sentido de parlamentar com as partes: “acaba ratificando verdadeiros tratados de paz, sancionando a soberania da capangagem impune. Assim, os estigmas

67. Ib.

68. Ib, pág. 188.

69. Ib.

70. NA.: As citações de Euclides da Cunha fazem parte do Relatório de Frei Monte-Marciano.

71. CUNHA, Euclides da Ib, pág. 189.

72. Ib, pág. 193.

73. Ib, pág. 198.

hereditários da população mestiça se tem fortalecido na própria transigência das leis.”⁷⁴
⁷⁵ Existem registros de que em 1804, esse tipo de luta já existia.

Poder-se-ia conjecturar que Canudos teria sido a contingência de anos e anos desse modelo de cultura. Apenas conjecturar, pois o Conselheiro estabeleceu-se em Canudos para ficar. Não provocou. Revidou ao ser provocado, sempre com o vigor proporcional ao estímulo recebido, pois, no seu entendimento tinha o amparo de Deus.

*
* *

“Não houve um motivo; houve um pretexto. Alegava-se que o Conselheiro havia comprado e pago uma certa quantidade de madeira, na cidade de Juazeiro, para construção em Canudos. Não recebeu a encomenda, propalou-se que se prontificava a cobrá-la a mão armada. O boato espalhou-se, ganhou foros de verdade, motivou pânico. As autoridades de Juazeiro apelaram para o governo do Estado da Bahia.”⁷⁶

“O caso passou em dias de outubro de 1896. Historiemos adstritos a documentos oficiais:⁷⁷ ‘Era esta a situação quando recebi do Dr. Antônio Leoni, Juiz de Direito de Juazeiro, um telegrama urgente comunicando-me correrem boatos, mais ou menos fundados, de que aquela florescente cidade seria por aqueles dias assaltada por gente de An-

tônio Conselheiro, pelo que solicitava providências para garantir a população e evitar o êxodo que da parte desta já se ia iniciando. Respondi-lhe que o governo não podia mover forças por simples boato e recomendei, entretanto, que mandasse vigiar as estradas em distância e, verificado o movimento dos bandidos, avisasse por telegrama, pois o governo ficava prevenido para enviar incontinentemente, em trem expresso, a força necessária para rechaçá-los e garantir a cidade.

“Desfalcada a força policial aquartelada nesta cidade, em virtude das diligências que anteriormente me referi,⁷⁸ requisitei do Sr. general comandante do distrito 100 praças de linha, a fim de seguirem para Juazeiro, apenas me chegasse o aviso do Juiz de Direito daquela comarca. Poucos dias depois recebi daquele magistrado um

telegrama em que me afirmava estarem os sequazes de Antônio Conselheiro distantes do Juazeiro pouco mais ou menos dois dias de viagem. Dei conhecimento ao Sr. general que, satisfazendo a minha requisição, fez seguir em trem expresso e sob o comando do Tenente Pires Ferreira, a força preparada, a qual devia ali proceder de acordo com o Juiz de Direito.

“Esse distinto oficial, chegando ao Juazeiro, combinou com aquela autoridade seguir ao encontro dos bandidos a fim de evitar que eles invadissem a cidade.”⁷⁹

O Governador da Bahia estaria, por certo, preocupado com a capital e umas poucas cidades de importância; ignorava, como política de governo, o sertão

74. Ib.

75. NA.: De transigência em transigência, passado mais de um século, chegamos ao Brasil de hoje...

76. FACÓ, Rui. Ib, pág. 90.

77. NA.: Mensagem do Governador da Bahia, Dr. Luiz Viana, ao Presidente da República – 1897. Nota de Euclides da Cunha.

78. NA.: A invasão da cidade de Lençóis, etc...

79. CUNHA, Euclides da. Ib, pág. 200.

“Antônio Conselheiro há vinte e dois anos, desde 1874, era famoso em todo o interior do norte e mesmo nas cidades do litoral até onde chegaram, (...); vinha de uma peregrinação incomparável de um quarto de século; (...); fundara o arraial de Bom Jesus, quase uma cidade; de Chorochó à Vila do Conde, de Itapicurú a Geremoabo, não havia uma só vila ou lugarejo obscuro, em que não contasse adeptos fervorosos, e não lhe devesse a reconstrução de um cemitério, a posse de um templo ou a dádiva providencial de um açude. (...)”⁸⁰

O Conselheiro substituiu o poder público e a Igreja em suas respectivas obrigações. O Governador da Bahia estaria, por certo, preocupado com a capital e umas poucas cidades de importância; ignorava, como política de governo, o sertão. A Igreja, talvez, pela falta de empenho, de crença espiritual de seus curas – que não sofriam inspeções rotineiras de seus superiores – acomodara-se e, em conseqüência, perdera o respeito do sertanejo em favor do Conselheiro. Em Massete já pusera em fuga destacamento de 30 policiais bem armados. A tropa que se seguiu não se animara embrenhar-se no sertão e retornou de Serrinho. E os conselheiristas não possuíam

o que se poderia chamar de armas para enfrentar a polícia baiana. Possuíam, sim, a crença, o fanatismo ou o nome que se queira dar no Conselheiro.

Se a solução encontrada pelo Governador da Bahia foi o uso da força militar, que a tomasse com o peso necessário, inequivocamente, para derrotar os fanáticos. Porém, entendeu que cem praças seriam suficientes.

“Relata o General Frederico Solon,⁸¹ comandante do 3º Distrito Militar:

‘A 4 de novembro do ano findo (1886), em obediência à ordem já referida, prontamente satisfiz à requisição, pessoalmente feita pelo Dr. Governador do Estado, de uma força de cem praças da guarnição para ir bater os fanáticos do arraial de Canudos, asseverando-me que, para tal fim era aquele número mais que suficiente.

“Confiado no inteiro conhecimento, que ele devia ter, de tudo quanto se passava no interior do seu Estado’.

(mas que, na verdade, não tinha), ‘não hesitei; fazendo-lhe apresentar sem demora, o bravo Tenente Manoel da Silva Pires Ferreira, do 9º Batalhão de Infantaria, a fim de receber suas ordens e instruções, o qual para cumpri-las seguiu, a 7 do dito mês, para Juazeiro, ponto final da estrada de ferro, na margem direita do São Francisco, comandando 3 oficiais e 104



Dr. Luiz Viana, governador da Bahia
(*História do Brasil*, de Pedro Calmon)

80. *Ib.*

81. NA.: Sogro de Euclides da Cunha.

praças de pré daquele Corpo, conduzindo apenas uma pequena ambulância, fazendo eu seguir logo depois um médico com mais alguns recursos para o exercício de sua profissão. O mais correu pelo Estado.”⁸²

A 12, à noite, a tropa tomou o destino de Canudos. “Partiu sem os recursos indispensáveis a uma travessia de 200 quilômetros em terreno agro e despovoado, orientados por dois guias contratados em Juazeiro. (...) No sertão, mesmo antes do pleno estio, é impossível o caminhar de homens equipados, ajoujados de mochilas e cantis, depois das dez horas da manhã. (...) Porém é forçoso avançar a despeito das soalheiras fortes até as cacimbas dos pousos dos vaqueiros. Além disto, aqueles lugares estão entre os mais desconhecidos da nossa terra. (...) É o trecho da Bahia mais assolado pela seca. (...) (...)”

“A pequena expedição penetrou-o logo ao segundo dia de viagem, quando, depois de repousar bivacando duas léguas além de Juazeiro, teve que calcar, seguidamente, quarenta quilômetros de estrada deserta, até uma ipucira minúscula no deserto, a Lagoa do Boi, onde havia uns restos de água. Daí por diante caminhou no deserto com escalas por lugares ou fazendas. Alguns estavam abandonados.”⁸³

A esta altura a notícia da presença da tropa havia chegado a Canudos, levada pelos adeptos do Conselheiro.

No dia 19 os soldados exaustos chegavam a Uaná.

“Este arraial – duas ruas desembocando numa praça irregular – é o ponto mais animado daquele trecho do sertão. (...) agrupamento desgracioso de cerca de cem casas mal feitas (...)”

E foi no dia 19 “que a população recolhida, aguardando a passagem das horas mais ardentes, despertam surpreendida por uma vibração de cornetas.”⁸⁴

Foi um sucesso para os “curiosos e tímidos habitantes” que, é quase certo, nunca tinham visto soldados, espingardas e baionetas.

“Ensarilhadas as armas, a força acantonou.”⁸⁵ Foram tomadas as medidas que a segurança impunha, no que concerne à distribuição de sentinelas e o pessoal para as rondas.

Todavia o destino seria Canudos. Uaná serviria apenas para um breve e necessário des-

canso. A expedição deveria partir no dia 20. As informações conseguidas eram desencontradas. Na noite de 19, a população, em pequenos grupos, deixou a aldeia sem que fosse percebida. Este fato que deveria receber atenção, foi considerado sem importância. De qualquer modo marchariam no dia seguinte: “e inscientes da gravidade das coisas, repousaram tranqüilamente, acantonados”;⁸⁶ afinal, necessitavam recuperar energia para a etapa até Canudos.

A tropa partiu sem os recursos indispensáveis a uma travessia de 200 quilômetros em terreno agro e despovoado, orientados por dois guias contratados em Juazeiro. (...) No sertão, mesmo antes do pleno estio, é impossível o caminhar de homens equipados depois das dez horas da manhã

Euclides da Cunha em *Os Sertões*

82. CUNHA, Euclides da. lb, pág. 201.

83. lb, pág. 203.

84. lb, pág. 204.

85. lb, pág. 205.

86. lb.

Os habitantes de Uaná eram discípulos do Conselheiro e estavam dentro de sua “área de jurisdição”.

O INÍCIO DA GUERRA: O PRIMEIRO COMBATE

Foi logo cedo. **Na madrugada do dia 21** os homens do Conselheiro apareceram.

“(…). A multidão guerreira avançava para Uaná, derivando à toada vagarosa dos Kyries, rezando. Parecia uma procissão de penitência, dessas a que há muito se afeiçoaram os matutos crendeiros para abrandarem os céus quando os estios longos geram os flagícios das secas.

“O caso é original e verídico. Evitando as vantagens de uma arrancada noturna, os sertanejos chegaram com o dia e anunciavam-se ao longe. Despertavam os adversários para a luta. Mas não tinham, ao primeiro lance de vistas, aparências guerreiras. Guiavam-nos símbolos de paz: a bandeira do Divino e, ladeando-a, nos braços fortes de um crente passante, grande cruz de madeira, alta como um cruzeiro. Os combatentes armados de velhas espingardas, de chuços de vaqueiros, de foices e varapaus, perdiam-se no grosso dos fiéis que alteavam, inermes, vultos e imagens dos santos prediletos, e palmas ressequidas retirados dos altares. (...). Seguiam para a batalha rezando, cantando, (...). (...)” Eram em torno de mil. “Mas avançavam sem ordem. Um pelotão escasso de infantaria que os aguardasse, distribuído pelas caatingas envolventes, dispersá-los-ia em alguns minutos.

Os habitantes de Uaná eram discípulos do Conselheiro e estavam dentro de sua ‘área de jurisdição’

O arraial na frente, porém, não revelava lutadores a postos. Dormia.”⁸⁷

A surpresa foi total. As sentinelas dispersaram-se apavoradas. Os soldados acordados pelos tiros, corriam pela praça e saíam semi nus dos casebres. Não houve comando em razão da surpresa. “Não formaram. Mal se distendeu às pressas, dirigida por um sargento, incorreta linhas de atiradores. Porque os jagunços lá chegaram logo de envolta com os fugitivos. E o recontro empenhou-se brutalmente, braço a braço, pancadas de cacete e coronhas, embates de facões e sabres. A

frágil linha de defesa cedeu. E a turba fanatizada, entre vivas ao “Bom Jesus” e ao “Conselheiro”, e silvos estridentes de apitos de taquara, desdobrada, ondulante, a bandeira do Divino, erguidos para os ares os santos e as armas, seguindo empós o curiboca audaz que levava meio inclinada em arfete a grande cruz de madeira – atravessou o lar-

go arrebatamento...”⁸⁸

Mas houve mudança repentina na situação. Refeitos da surpresa “a maioria das praças, protegidas pelas casas e abrindo-lhes as paredes em seteiras, volveram à defensiva franca.”⁸⁹ A luta passou a ser entre a arma de repetição, Comblain, contra o clavinote, cuja faina de carregamento consumia cerca de dois minutos. “Os matutos conjuntos à roda dos símbolos sacrossantos no largo, começaram a ser fuzilados em massa.” Resolveram, então, com as armas brancas que possuíam lançaram-se sobre as casas. “Mas foi-lhes ainda mais nefasto esta arremetida doida. Rareavam-se-lhe as fileiras sem vantagem

87. Ib, pág. 206.

88. Ib, pág. 207.

89. Ib.

contra adversários abrigados”,⁹⁰ e com poder de fogo muitas vezes superior.

“O conflito continuou, desde modo, ferozmente, cerca de quatro horas, (...) E foram (os jagunços), lentamente, nesses giros revoltos, abandonando a ação e dispersando-se pelas cercanias. Reconheciam a inutilidade dos esforços feitos (...). Como quer que fosse abandonaram, a pouco a pouco, o campo.”⁹¹

O relatório oficial fala em 150 sertanejos mortos contra dez mortes na tropa: um sargento, seis praças, dois guias e dezesseis feridos. Em termos numéricos uma vitória. Porém, o Tenente Pires Ferreira, com 70 homens válidos e sabedor da incomparável superioridade de seu armamento, decidiu por retornar a Juazeiro. Não cumpriria a missão recebida. Mas, certa ou errada para discussões acadêmicas posteriores, foi a decisão de quem estava no campo da luta, que conhecia o

estado físico e emocional de seus comandados e sentira todo o fanatismo dos seguidores do Conselheiro. “O médico da força enlouquecera.... Quedava inútil ante os feridos, alguns graves. A retirada impunha-se por tudo isto urgente, antes da meia-noite, (...). Resolveram-na logo. Mal inumados na capela de Uaná os companheiros mortos, largaram dali, sob um sol ardentíssimo.”⁹²

90. *Ib.*, pág. 208.

91. *Ib.*

92. *Ib.*, pág. 209.

93. *Ib.*

“A travessia para Juazeiro fez-se a marchas forçadas, em quatro dias. E quando lá chegou o bando dos expedicionários, fardas em trapos, feridos, estropiados, combalidos, davam a imagem da derrota. Parecia que lhes viam em cima, nos rastros, os jagunços. A população alarmou-se, reatando o êxodo. Ficaram de fogos acesos

na estação da via férrea as locomotivas. Arregimentaram-se os habitantes válidos dispostos ao combate. E as linhas do telégrafo transmitiram aos país inteiro o prelúdio da guerra sertaneja.”⁹³

A GUIA DE CONCLUSÃO

A expedição Pires Ferreira permitiu, do ponto de vista militar, conhecer sobre a precariedade das forças conselheiristas. Após o combate, Antônio Conselheiro passou a saber das dificuldades para en-

frentar as tropas governistas.

Os ensinamentos decorrentes desse episódio deveriam determinar duas linhas de ação: uma estritamente militar, respaldada no pressuposto de que o exemplo de Canudos poderia alastrar-se por um sertão, em parte, convulsionado. Se bem planejada e com efetivos mais do que suficientes para eliminar o Conselheiro e seus guerreiros, teoricamente,

O conflito continuou, desde modo, ferozmente, cerca de quatro horas. Entretanto, o Tenente Pires Ferreira, com 70 homens válidos e sabedor da incomparável superioridade de seu armamento, decidiu por retornar a Juazeiro. E quando lá chegou o bando dos expedicionários, fardas em trapos, feridos, estropiados, combalidos, davam a imagem da derrota

Euclides da Cunha em *Os Sertões*



Antonio Conselheiro, após a exumação (Do livro *Guerra dos Canudos* de H. D. E. Macedo Soares)

resolveria a questão. As perdas em mortos e feridos das duas partes, deveria merecer previsão no planejamento. A outra, que poderia receber o rótulo de política, optaria por uma abordagem no campo social, buscando a aproximação com o Conselheiro – que seria isolado em Canudos, pois não apresentava perigo militar – e mudança na política governamental em relação ao sertanejo. Haveria a questão da Igreja que perdia fiéis para o Conselheiro e não poderia aceitar essa realidade. Todavia, a Igreja teria de concordar em ser parte dessa nova política, assumindo, com determinação, mas com humildade, o seu papel evangelizador. Um ponto que deveria ser considerado, nesta opção política a prazo mais ou menos longo, seria a idade de Antônio Conselheiro e a quase certeza de que, com sua morte, o movimento feneceria.

Do ponto de vista político nacional, a expedição deveria ter acabado – mas não acabou – com um mito, pois retirou o manto de uma farsa republicana apoiada por todas as tendências políticas, todos os escalões do governo, pela imprensa, a despeito de ser insistente e enfaticamente negada pelos monarquistas do sul e do exterior: Antônio Conselheiro não recebia armas e munições dos monarquistas, nem estava com eles mancomunados. Mais ainda, não se constituía em qualquer tipo de ameaça à República e à Pátria. Aquela época garantiam os republicanos que de Canudos partiria o movimento restaurador. Essa linha de pensamento constituiu-se no mais bisonho erro de avaliação – ou melhor, na grande burrice⁹⁴ – que levou uma Nação a iniciar verdadeira guerra santa contra os sertanejos

94. NA.: Para o filósofo e matemático Bertrand Russel, “a burrice é o pior dos defeitos do homem”.

de Antônio Conselheiro, o menor culpado pelo hysterismo coletivo que tomou conta do

Brasil, responsável pelo sacrifício de milhares de brasileiros, soldados e sertanejos.

Fica uma dúvida, contudo. Será que os sertanejos eram considerados brasileiros por aqueles com responsabilidade em conduzir os destinos nacionais?

A solução encontrada foi a militar. A mais rápida e simples para o D. Luiz Viana, Gover-

nador da Bahia. Assim, pensava ele... (CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO)

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO

<HISTÓRIA>/História do Brasil/; Política; Militares; Prudente de Moraes (Pres. Rep.); Guerra de Canudos; Antônio Conselheiro;

Poucas pessoas têm visão suficiente para contemplarem as suas próprias faltas.

E. C. McKenzie

Vem aí a edição sesquicentenária da Revista Marítima Brasileira

A segunda publicação mais antiga do mundo* a tratar especial e preferencialmente de temas marítimos e navais, na edição do 1º trimestre de 2001, completará 150 anos de existência. Com a colaboração de seus leitores, continuará sendo uma plataforma para a discussão de novas idéias para conquistarmos uma Marinha melhor.

*Fonte: *Boletín del Centro Naval* (Argentina), que destaca a seguinte ordem cronológica:

1848 - *Morskoi Sbornik* (Rússia)

1851 - *Revista Marítima Brasileira* (Brasil)

1866 - *Revue Maritime* (França)

1868 - *Rivista Marittima* (Itália)

1870 - *Anais do Clube Militar Naval* (Portugal)

1873 - *U.S. Naval Institute Proceedings* (EUA)

1882 - *Boletín del Centro Naval* (Argentina)